

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 9 – ano de 2007

**CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2007**

ESTUDO DA PRESENÇA ROMANA NAS ÁREAS DAS FREGUESIAS DE MARIALVA E CORISCADA (Concelho de Meda)

Por: António do Nascimento Sá Coixão

INTRODUÇÃO

O estudo da Romanização na área do concelho de Meda tem de ser encarado num contexto regional e integrado numa micro-região que podemos denominar de “Baixo Côa”.

Pelos estudos já realizados nesta vasta área, verifica-se, no concelho de Vila Nova de Foz Côa essencialmente na sua parte oeste, a existência de vestígios de uma forte presença humana na era dos Imperadores. Sobressaem os maciços graníticos de Numão e Freixo de Numão. Entre estas duas freguesias poder-se-á disputar a localização da ainda não encontrada “*CIVITAS MEIDOBRIGENSIS*”.

No concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, a exumação de uma ara na zona da Torre de Almofala, confirma a existência, naquele local, da *CIVITAS COBELCORUM*. Será necessária, agora, uma forte acção de prospecção em todo o concelho, com o objectivo de registar e assinalar vestígios que restem da ocupação romana.

A área do concelho de Meda, segundo os registos de alguns investigadores (onde se salienta o estudioso Prof. Dr. Adriano Vasco Rodrigues) é riquíssima em vestígios arqueológicos do período de ocupação romana. Como base ou centro de toda a investigação daqueles estudiosos, a *CIVITAS ARAVORUM* (localizada na zona da Devesa – Marialva). Recentes trabalhos de prospecção, um pouco por todo o concelho, têm confirmado fortes vestígios essencialmente dentro ou junto aos actuais povoados. Sondagens arqueológicas no denominado Castro de S. Jurge (Ranhados) permitiram a exumação de materiais romanos do último quartel do século I a. C. Na zona do VALE DO MOURO (Coriscada), um provável *vicus*, onde já foi reconhecido um balneário e, em Setembro de 2006, uma sala (*Cubicula*) revestida a mosaico polícromo.

Na figura 1 do presente trabalho apresentamos a localização da *Civitas Aravorum* e de um conjunto de sítios (*vici* ou *villae*) que gravitavam em torno dela.

Os restantes 10 sítios que assinalamos (além de outros que ainda não foi possível visitar), têm vestígios importantes, sendo para já difícil diferenciá-los entre *villae* ou *vici*. Só uma investigação arqueológica cuidada e recorrendo à escavação em área, permitirá um dia uma identificação mais correcta de cada um daqueles sítios com vestígios significativos.

PELOS TRILHOS DA *CIVITAS ARAVORUM* (MARIALVA – MEDA)

Hoje ninguém tem dúvidas que foi no lugar da Devesa (Marialva – Meda) que há cerca de dois mil anos os súbditos do Imperador de Roma implantaram a lendária *CIVITAS ARAVORUM*.

Muito (ou pouco) se tem escrito e conjecturado, falado em descobertas (aqui e ali), citado a exumação de materiais que ninguém sabe onde param. Mas quem visita as lojas e quintais das habitações no lugar da Devesa, fica estupefacto com a quantidade e diversidade de materiais romanos ali espalhados ou depositados!

Marialva, terra onde as memórias medievais são exaltadas, porque visíveis, porque bem conservadas, porque evidentes, porque aqui se aplica a máxima de S. Tomé: “ver para crer”. Isto na parte de cima, na vila, dentro e fora das muralhas do Castelo.

E cá em baixo, na Devesa, na antiga Paróquia de Santiago de Marialva? Memórias enterradas, destruídas ou arrumadas a um canto, histórias mil da dama pé de cabra, de D. Alva, da Torre ou das Torres, histórias que os mais idosos ainda desfiavam, em dias amenos sentados ao soalheiro.

No ano de 2004, por solicitação do IPPAR e da Câmara Municipal de Meda, foi levada a efeito uma intervenção de emergência num imóvel e seu quintal, onde se julga ainda existirem vestígios de um Templo Romano (ou simplesmente do seu “*podium*”). Na escavação propriamente dita não foram registados vestígios enterrados (nem tinham que o ser) mas o estudo das estruturas (paredes) do provável Templo forneceu-nos provas evidentes.

Consultando documentos do século XVIII, essencialmente as Memórias Paroquiais, são evidentes as referências ao lugar, ao largo da feira, a dois edifícios de arquitectura romana antiquíssimos! Segundo essas Memórias, ambos terão servido de lugares de culto cristão. Um deles (ou o sítio) serviu mais tarde para implantar a Capela de Nossa Senhora dos Remédios, o outro, o tal onde se encontrarão os vestígios do provável Templo Romano dedicado a Júpiter.

Partindo destas descrições, elaboramos uma hipotética reconstituição (em planta) da área do Fórum Augustano, com o Templo, a Basílica, as lojas. É que se necessita, urgentemente, de alguns instrumentos de trabalho que sirvam de directriz à investigação que agora iniciamos.

A localização do Templo e do Fórum permitir-nos-á, se tivermos coragem, apoios e um pouco de fé, partir à descoberta da lendária *CIVITAS ARAVORUM*, irradiando do Centro da Civitas para as periferias.

Ainda, segundo o que se encontra descrito no *Dicionário Chorográfico de Portugal*, uma ara dedicada a Júpiter Óptimo Máximo foi achada junto ao edifício onde acabamos de efectuar a intervenção arqueológica!

A primeira referência à tribo dos ARAVI surge na Ponte da Alcântara (sobre o rio Tejo, em Espanha). Esta ponte foi construída e paga por tribos lusitanas, como “tributo de guerra”. Representa a indemnização paga pelos últimos resistentes lusitanos à penetração Romana.

Entre os diversos povos ali citados surgem os ARAVI (da *Civitas Aravorum*) e os MEIDUBRIGENSES.

A segunda referência advém de uma inscrição monumental recolhida na vila de Marialva. Este achado (segundo Vasco Rodrigues) fez-se acidentalmente, no século XVIII, no recinto do Castelo. Foi depois

embutida na casa do Alcaide e apresentada por um tal Diogo Cardoso, ao Padre Carvalho da Costa. A lápide passou para a casa do Pároco, como se sabe pela leitura da relação feita em 1757. À volta de 1944 levaram-na para o Museu Regional da Guarda, não sem protesto do povo.

A lápide diz o seguinte:

IMP. CAES. DIVI. TRAIÁ

PARTICI. F. TRAIANO

HADRIANO. AVG.

PONT. MAX. TRIB.

POTES. I. COS. II

CIVITAS ARAVORUM

A transcrição é:

IMP(ERATORI) CAES (ARI) DIVI TRAIANI PARTHICI F (ILIO)

TRAIANO HADRIANO AUG(USTO) PONT(IFICI) MAX(IMO)

TRIB(UNICIAE) POTEST(ATIS) II CO(N)S(ULI) II CIVITAS

ARVORUM

Traduzido:

Ao Imperador César Trajano Hadriano Augusto, Pontífice Máximo, filho do divino Trajano Pártivo, tendo obtido o poder tribúncio pela 1ª vez e Cônsul pela 2ª, (lhe) dedica a Comunidade dos Aravos.

A lápide poderá datar de cerca do ano 120. Em 119 Adriano era Cônsul pela 2ª vez e, em 134, obtinha o consulado pela terceira. Governou desde 8 de Agosto, em que foi adoptado por Trajano, até morrer, em 10 de Julho de 183 da era de Cristo¹.

Soubemos recentemente que há alguns anos uma arqueóloga do IPPAR fez estudos na zona de Marialva, recolhendo ou registando vestígios da *Civitas Aravorum*. Como esses resultados nunca foram publicados, será normal, na revisitação que estamos efectuando, chegarmos a registos e pontos de vista comuns.

Quem visita o que resta do Lago (ou Barragem) fica surpreendido com a robustez do empreendimento. Visíveis são restos de conduta, em granito, espalhados pelos muros das propriedades. Pensamos não ser tarefa difícil vir a definir o traçado da conduta que levaria a água até ao coração da Civitas. Só será necessário dispor de algum tempo, alguns recursos humanos e também de recursos técnicos.

Quando, no ano de 2003 comecei a acompanhar residentes ou naturais de Marialva (o meu primeiro acompanhante foi o meu antigo companheiro de colégio, hoje médico, o Doutor Reboredo) a tendência era as

¹ RODRIGUES, Adriano Vasco, "TERRAS DA MEDA – Natureza, Cultura e Património", edição da Câmara Municipal de Meda – 2ª edição – ano de 2002 (páginas 80 e 81).

peças levarem-me para terrenos na margem direita da ribeira de Marialva. Os vestígios eram importantes mas não me entusiasmavam. Verificava que, local ideal para implantação dos serviços públicos de Civitas seria a área que hoje corresponde ao povoado da Devesa (que será a Marialva de baixo, sendo o Castelo e casas extra-muros a Marialva de cima).

Guiado pelo entusiasta da Civitas, o Senhor Vítor, natural de Marialva mas residente na cidade da Guarda, entrei no logradouro de uma habitação junto à Igreja. Fiquei estupefacto ao contemplar duas grandes colunas (fustes) uma delas ainda com a base e o capitel, mas mais estupefacto fiquei quando verifiquei que aquela habitação ou a pedra de aparelho era, em parte, de uma monumentalidade fora do vulgar. Entrando no interior, verifiquei a existência ainda da cornija. Alertei a Câmara Municipal para a hipótese de se estar perante restos bem conservados de um Templo Romano (vid. Foto 1).

Poderemos ter, na área do Largo principal da Devesa, o Fórum da Civitas (vid. Fig. 2). Não muito longe, o olival das Torres, topónimo que nos poderá indicar a existência (em tempos idos) de outros templos ou apenas de torres medievais (!?). Não concordo com a referência ao Templo de Júpiter à beira da ribeira de Marialva (no sítio da Tapada). A referência a pavimento de ladrilhos e a tubos de chumbo levam-nos a localizar ali a zona balnear da Civitas.

Em alguns dos tubos de chumbo lê-se o nome da oficina *“EX-OFFICI ULFRACCILIANI”*.

O Senhor Professor Doutor Adriano Vasco Rodrigues comunga comigo da localização da Civitas. No livro *TERRAS DA MEDA*, cita (página 106) *“ao longo da ribeira de Marialva, nas terras planas, tão do agrado dos Romanos, e para lá da Devesa, houve várias villae, ou herdades agrícolas, que abasteciam de géneros a cidade”*.

No chão do Ervilhão, embutida numa grande de casa de campo, encontra-se uma inscrição romana que diz o seguinte:

PARAMA

ECO. BOV

ATI (filio) STAT

VERVNT

FILI(i)SVI

ET TAN

CINVS

CILI(i) (filius)

Traduzida:

A Parameco, (filho) de Bovato, os seus filhos e Tancino, (filho) de Cílio, erigiram (esta memória).

O Senhor Padre Élio do Nascimento Ramos, recolheu na própria vila de Marialva (onde havia sido reutilizado) um fragmento de ara votiva. Apenas se consegue a leitura de:

(...)/VS. FLACCI(Filius) / COBELCVS/V(otum) L(ibens) A(nimo) S(olvit)

De salientar a referência a um COBELCVS. Já numa ara existente em Barca de Alva (que teria vindo de Almendra) se refere a um COBEL. Serão homens oriundos do povo sediado na civitas localizada no lugar onde se encontra hoje a denominada Torre de Almofala.

OS VICANI SANGOABONIENSES (Coriscada – Meda)

A primeira referência a vestígios de Romanização na área da freguesia da Coriscada reporta-se à leitura de uma ara guardada em casa particular naquela localidade. Apesar de fracturada, a mesma fornece-nos uma leitura clara. Trata-se de uma dedicatória a Júpiter feita ou encomendada pelos habitantes de um *vicus* – os VICANI SANGOABONIENSES.

Difícil tem-se tornado a aplicação da denominada crítica de proveniência. Recorrendo a pessoas mais idosas, vamos obtendo informações díspares. Terá vindo do Vale do Mouro? E porque não da Quinta do Campo? Se calhar veio da Igreja da Aldeia Rica. Talvez nunca venhamos a obter a certeza que procuramos.

O certo é que, no termo da freguesia de Coriscada, distando poucos quilómetros, existem dois sítios com grande quantidade de vestígios romanos: a QUINTA DO CAMPO e o VALE DO MOURO. Antes de conhecidos os vestígios do segundo, arqueólogos e epigrafistas apontavam a proveniência da ara para a Quinta do Campo. Trata-se de um sítio remexido para plantio de vinha, com vestígios abundantes à superfície, com restos de *colunas e capitéis e, no local denominado de “Eira” se até coloca a hipótese de se tratar da base do “podium” de um Templo Romano* ?!

No entanto, a partir do momento em que prospectei a zona do Vale do Mouro, juntamente com os descobridores (gente afecta ao Centro Sócio-Cultural da Coriscada), as minhas inclinações da proveniência da ara viraram-se para aqui. É que são tantos os vestígios e tão grande a área, que não me custa ou custou a admitir tratar-se de vestígios de um *vicus*.

Perante o desafio da Direcção do Centro Sócio-Cultural da Coriscada (essencialmente do seu dinâmico Presidente António João Moreira) e também do Presidente da Assembleia Geral, Senhor Doutor José Luís Almeida, aceitei vir a desenvolver actividade arqueológica no concelho de Meda, essencialmente no sítio do Vale do Mouro. Este desafio coincidiu também com um outro que me fora feito pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Meda, Dr. João Mourato, e pelo Vice-Presidente do mesmo Município, Senhor Dr. Jorge Saraiva.

Solicitei e obtive autorização do Instituto Português de Arqueologia para realizar prospecções e sondagens na área do concelho de Meda. Depois, em candidatura ao PNTA, vi aprovado um projecto financiado para quatro anos.

As escavações arqueológicas no VALE DO MOURO iniciaram-se em 2003. logo nesse ano foi possível pôr a descoberto parte das estruturas de um balneário (*frigidarium* e parcialmente o *caldarium* com o seu *hipocausto*). Na campanha de 2005 continuou-se a campanha na zona do balneário e abriu-se uma sondagem num terreno a norte.

No ano de 2006 foi terminada a intervenção na zona do balneário e passou-se à intervenção da zona a norte. Aqui, foi descoberto o corredor de acesso entre o citado balneário e um grande edifício senhorial. Nesse corredor passava a conduta da água que alimentava a piscina e as banheiras. Orientando depois a escavação (em sondagens) para Oeste, foram sendo postas a descoberto estruturas, tendo uma delas um provável abside, terminando a campanha com a escavação do quadrado 47 do Sector VI, onde foi posto a descoberto um bonito painel de mosaico polícromo (ver texto anexo elaborado pelo Museu de Conímbriga).

Ainda no Sector V foi continuada a sondagem 1, desta vez já com o enquadramento no quadriculado geral. Uma sala com lareira e braseiro central, foi posta a descoberto. Neste espaço foi exumada grande quantidade de fauna (muito fragmentada), vidros, três moedas do século III d.C., cerâmica comum numa camada muito carbonizada.

Vale do Mouro torna-se assim, em pouco mais de três anos, num sítio de referência quanto à investigação do denominado “Mundo Rural Romano”. O conjunto dos achados, onde sobressai o “mosaico polícromo”, vem, até certo ponto, revolucionar os conhecimentos e teses até aqui defendidas para a romanização no interior do País. Vale do Mouro não se encontra muito distante do Prado Galego, onde a Dra. Pilar Reis havia já descoberto uma sala com mosaico decorada com motivos geométricos.

A RTP 1 dedicou dois programas à intervenção de 2006: uma em diferido no programa PORTUGAL DIRECTO, no mês de Agosto; outra, em directo, no mês de Setembro, no mesmo programa (com duração de 30 minutos). A Comunicação Social regional deu grande relevo aos achados. O executivo da Câmara Municipal de Meda deslocou-se mais do que uma vez ao Vale do Mouro e o arqueólogo responsável propôs ao Executivo e Assembleia Municipal a classificação daquele sítio como *Imóvel de Interesse Municipal*, bem como do Castro de S. Jurge (Ranhados) e Casa do Templo Romano (Devesa – Marialva), tendo todos obtido a aprovação unânime.

As gentes da Coriscada assumiram com grande orgulho a pertença de tão importantes achados, terrenos foram adquiridos para que a investigação decorra dentro da normalidade, muita gente e Entidades reclamam, para a região, a criação de um Circuito Regional que abarque o Património, essencialmente o Arqueológico (complementando os circuitos de Freixo de Numão e das gravuras rupestres do Vale do Côa).

De realçar o grande empenhamento de arqueólogos, técnicos de arqueologia e estudantes universitários da cidade de Lyon (França), que desde o início fazem parte do projecto do VALE DO MOURO.

No ano de 2007 vai decorrer, nos meses de Julho, Agosto e Setembro, uma super-campanha onde se prevê a participação de técnicos do Museu de Conímbriga, arqueólogos, técnicos e estudantes de Lyon (França), arqueólogos e estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, voluntários locais e do concelho. Os apoios logísticos e financeiros serão fornecidos pelo Município de Meda, Museu de Conímbriga, Junta de Freguesia e Centro Sócio-Cultural de Coriscada, ACDR de Freixo de Numão.

Se os achados forem tão importantes como se prevê, será necessário um grande esforço financeiro para o estudo, tratamento e preservação dos mesmos. Mas o sítio do Vale do Mouro não é, hoje, só Património da

Freguesia ou do concelho, mas sim Património Nacional, daí a obrigação de o próprio Estado vir a financiar significativamente este projecto.

Parecer

Mosaico de Baco da Coriscada (Meda)

O mosaico de Baco descoberto na *villa* romana de Coriscada (Conc. Meda) é apenas o quinto exemplo desse tema na arte musiva romana localizado no território nacional e, mesmo no âmbito peninsular, onde esses mosaicos se contam nas poucas dezenas, é um achado de relevância.

Por outro lado, o Nordeste do País é uma zona onde a arqueologia clássica tem avançado com lentidão: conhecem-se apenas referências a seis mosaicos, todos eles perdidos à excepção de um, de que se conserva um fragmento de poucos centímetros. A raridade do achado no contexto regional é, portanto, superlativa.

Esta raridade de achados deve ser atribuída mais fortemente à pouca investigação até aqui decorrida que à situação histórica original. É apenas da última década um surto de projectos e acções que estão a permitir caracterizar a realidade dos núcleos urbanos desta zona no período romano (Numão, Almofala, Marialva) e, logicamente, a da realidade do povoamento rural associado a esses mesmos núcleos; neste povoamento rural, claramente desempenham um papel central as explorações pertencentes às elites locais, as *villae*, de que podemos agora confirmar a sua conformidade a tendências artísticas coincidentes com as vigentes em todo o império: a difusão e a importância da utilização do mosaico como decoração de prestígio, primeiro com o achado de Prado Galego (Conc. Pinhel) e agora na Coriscada.

Neste sentido o achado agora feito no concelho da Meda é notável ainda num terceiro sentido: o de abrir caminhos à investigação.

E, por último, como não mencionar o potencial de valorização do local e dos outros sítios associados em roteiro, sabido como é o atractivo que esta manifestação artística constitui em todos os locais onde os seus vestígios então conservados e são acessíveis pelo público (em especial – acrescentar-se-ia – quando isso acontece no seu contexto original).

Mas a relevância do achado não dispensa uma descrição preliminar do que está representado no próprio mosaico.

O mosaico corresponde a um pequeno compartimento de planta quadrangular com cerca de 9m2.

O mosaico é composto por um quadro figurativo centrado numa composição ortogonal de círculos e quadrados emoldurados com linhas de grandes redentes, ornada de elementos geométricos tais como nó de Salomão, linha de espinhas, círculos com secções policromáticas, discos e, nos espaços residuais, florões longiformes estilizados.

Num fundo branco de tesselas dispostas em escama, o quadro central figura

Dionísio (o romano Baco), ostentando os seus atributos clássicos: um tirso (*thyrsus*) na mão esquerda, um *kantharus* na mão direita e uma coroa de cachos de uva na cabeça. Conduz um carro de duas rodas,

parcialmente conservadas, puxado por dois leopardos (dos quais se conserva apenas parte de um). À esquerda do deus, uma figura feminina, uma ménade ou bacante, completa a representação iconográfica.

Em pé sobre o carro, Dionísio ocupa mais do que a metade do quadro. O tipo de tirso que empunha na mão esquerda, com cabo rematado em folhas de parra (?), constitui uma das três variantes mais comuns, mas o *kantharus*, mostra um interessante e inusitado tratamento plasmado na representação de um líquido branco-cinza escorrendo para terra. Na cabeça, sobre um cabelo muito curto, ostenta uma coroa de cachos de uva que marca a sua condição. Veste uma túnica curta de mangas compridas e ombros destacados, deixando entrever a musculatura da sua coxa direita (a coxa esquerda está praticamente toda destruída). Por cima, usa a *pardálide* (pele de leopardo) cobrindo o ombro esquerdo e cingida à cintura, reafirmando o sentido triunfal da sua postura.

Da ménade ou, para os romanos, bacante, que ocupa a metade direita do quadro, conservou-se apenas o tronco e a cabeça, sem o rosto que uma raiz infelizmente destruiu, percebe-se que direcciona a cabeça para a esquerda, olhando para Dionísio. Os cabelos soltos e ondulados, cingidos à cabeça com a uma fita, constituem um atributo destas personagens. Das várias representações conhecidas, esta constitui uma das mais simples, com uma túnica branca realçada a rosa e debruns cinzentos, presa aos ombros com uma fíbula redonda, e é bem diferente das suas congéneres “dançantes” que conferem dinamismo aos quadros. Empunha um objecto constituído por um longo cabo vermelho, podendo portanto tratar-se de um archote.

É nos mosaicos norte africanos que encontramos as melhores e mais ricas representações dionisiacas, em especial de cortejos triunfais que constituem o tipo mais divulgado. Destaca-se em particular o exemplar de Sousse, datado do início do séc. III (Foucher, 1960, p. 47-48) por ser considerado o cabeça de série. Os 12 exemplos que a Hispânia viria a produzir, muito por influência africana, deve dizer-se, tendem para uma figuração muito próxima caracterizada pela longa túnica de mangas compridas que traja Dionísio, parcialmente velada pela *pardálide*; não se conhece nenhum exemplo com o vestuário do mosaico da Coriscada.

Regra geral, o carro é puxado por quatro tigres nos casos africanos e, nos hispânicos, apenas por dois, no entanto, constitui um caso singular a representação do carro puxado por leopardos, aqui tratados a cinzento e rosa. Não sendo invulgar nos exemplos norte-africanos, é único na Hispânia. Na Coriscada apenas se conservou um animal, mas outro seguramente equilibrava a atrelagem.

É raro ver Dionísio sozinho no carro. Dispomos de um exemplo hispânico único em Tarragona (Fernández-Galiano, 1984, p. 109). O tipo de *kantharus* virado para o chão, vertendo líquido, também se conhece apenas num único exemplo: o mosaico de Itálica dos fins do séc. I, tendo sido considerado aí como uma adaptação local (Fernández-Galiano, 1984, p. 105).

A identificação da cena como um cortejo triunfal pode de facto equacionar-se, no entanto, a regra para este tipo iconográfico é a presença de numerosas personagens (o *thyasus*) tais como Sátiros e Ménades, Pã, Vitória, Sileno e, por vezes, Ariadna, dançando e tocando instrumentos, em estreita afinidade com a forma como surgem representados nos sarcófagos onde é um tema recorrente. É o caso no triunfo da *villa* de Torre

de Palma. O mosaico da Coriscada reduziu ao mínimo a iconografia, justapondo duas personagens e um carro com os seus respectivos atributos num único plano, contrariamente aos múltiplos planos das composições hispânicas. Esta forma resumida do cortejo conhece-se em quatro mosaicos hispânicos. Em Andelos, no séc. I-II, são quatro personagens; em Ecija, o quadro datado da época severiana figura apenas Dionísio, Ariadna e um sátiro (CME, IV, nº1, p. 14-19); em Cabra, nos inícios do séc. III, tratam-se de Dionísio, uma vitória, um sátiro e uma personagem feminina (CME, III, p. 102, fig. 32); em Itálica, são também quatro as personagens (Dionísio, dois sátiros e uma ménade), num mosaico datado de fins do séc. III.

Cronologicamente, os cortejos triunfais representados em mosaicos hispânicos situam-se entre o séc. I-II (Andelos) e o séc. V (Baño de Valdearados e Liedena). O exemplar da Coriscada poderá estilisticamente situar-se entre o III e o séc. IV.

Lista dos locais da Península Ibérica com tema similar:

Espanha

Andelos, Navarra, c. de 90 d. C.

Tarragona, séc. II

Saragoça, c. de 190 d. C.

Itálica, Sevilha, c. de 200 d. C.

Ecija, Sevilha, séc. III

Cabra, Córdoba, séc. III

Liedena, Navarra, séc. III

Torre Albarragena, Cáceres, séc. III

Olivar del Centeno, Cáceres, séc. IV

Puente Genil, Córdoba, séc. IV

Baños de Valdearado, Burgos, séc. V

Portugal

Torre de Palma, Portalegre, c. de 295-330 d. C.

Bibliografia de referência

- Alvarado, Manuel de, *et al.*, 1991: "Excavaciones de urgencia en la villa romana de Torre Albarragena. Cáceres, 1986-1987". In *I Jornadas de Prehistória e Arqueologia en Extremadura (1986-1990): actas* (Mérida-Cáceres:
- Universidad de Extremadura (Extremadura Arqueológica; 2), p. 403-415. CME, II = Blanco, A., 1978: *Mosaicos Romanos de Itálica* (Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro" del Consejo Superior de Investigaciones científicas)

- CME, III* = Blázquez, J. M., 1981: *Mosaicos de Córdoba, Jaén y Málaga* (Madrid: Instituto Español de Arqueología “Rodrigo Caro” del Consejo Superior de Investigaciones científicas).
- CME, IV* = Blázquez, J. M., 1982: *Mosaicos de Sevilla, Granada, Cádiz y Murcia* (Madrid: Instituto Español de Arqueología “Rodrigo Caro” del Consejo Superior de Investigaciones científicas).
- CME, VII* = Blázquez, J. M.; Mesquiriz, M. A., 1985: *Mosaicos de Navarra* (Madrid: Instituto Español de Arqueología “Rodrigo Caro” del Consejo Superior de Investigaciones científicas).
- CME, XII* = López, G.; Navarro R.; Palol, P. de, 1998: *Mosaicos romanos de Burgos* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Históricos).
- CMRP, II, 1* = Lancha, J.; André, P., 2000: *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal: II, conventus pacensis, 1, a villa de Torre de Palma* (Lisboa: Instituto Português de Museus, Missão luso-francesa “Mosaicos do Sul de Portugal”).
- Durán, M., 1993: *Iconografía de los mosaicos romanos en la Hispânia alto-imperial* (Barcelona, U. Rovira i Virgili) Fernández-Galiano, Dimas, 1984: “El triunfo de Dioniso en mosaicos hispanorromanos”, *Archivo Español de Arqueología*, 57, p. 97-120.
- FOUCHER, Louis, 1960: *Inventaire des mosaïques. Feuille n° 57 de l’atlas archéologique: Sousse* (Tunis: Imprimerie Officielle, Institut National d’Archéologie et d’Art).
- García-Hoz, M. C.; Alvarado, M. de; Castillo, J.; López, M.; Molano, J., 1991: “La villa romana de ‘Olivar del Centeno’ (Millares de la Mata-Cáceres)”. In *I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990)*. Mérida-Cáceres: Universidad de Extremadura (Extremadura Arqueológica; 2), p. 387-402. García, Óscar, 1994: “El Baco hispano a través sus mosaicos”. In *VI Colóquio internacional sobre mosaico antigo (Palência-Mérida, octubre 1990): actas* (Palência: Asociación Española de Mosaico), p. 327-332.
- Kuznetzova, T. P., 1997: Os mosaicos com motivos báquicos na Península Ibérica (Lisboa, FLUL, Diss. Doct.)
- Oleiro, João Manuel Bairrão, 1986: “Mosaico romano”. In Alarcão, Jorge de (coord.) *História da Arte em Portugal, Vol 1, Do Paleolítico à arte visigótica* (Lisboa, Pub Alfa), p. 111-128
Conimbriga, 7 de Novembro de 2006
- Virgílio Hipólito Correia (Director do Museu Monográfico de Conimbriga)
- Cristina Fernandes de Oliveira (Responsável da Missão do Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal)

OCUPAÇÃO ROMANA NA ÁREA DO CONCELHO DE MEDA

- 1 – CIVITAS ARAVORUM (Devesa – Marialva)
- 2 – VALE DO MOURO (Coriscada), provável vicus
- 3 – VALE DA ALDEIA (Meda), provável vicus
- 4 – COUTADA (Longroiva), provável vicus
- 5 – CASINHAS ou RAMILA (Santa Comba), villa (?)
- 6 – FONTE ARCADEA (Ranhados), provável vicus
- 7 – S. SEBASTIÃO (Rabaçal), vicus ou villa (?)
- 8 – VALE D'EL REI (Barreira), provável villa
- 9 – QUINTA DO CONSUL/MUIMENTOS (Fontelonga), villa
- 10 – CASTRO DE S. JURGE (Ranhados), Castro Romanizado
- 11 – QUINTA DO CAMPO (Coriscada), provável villa

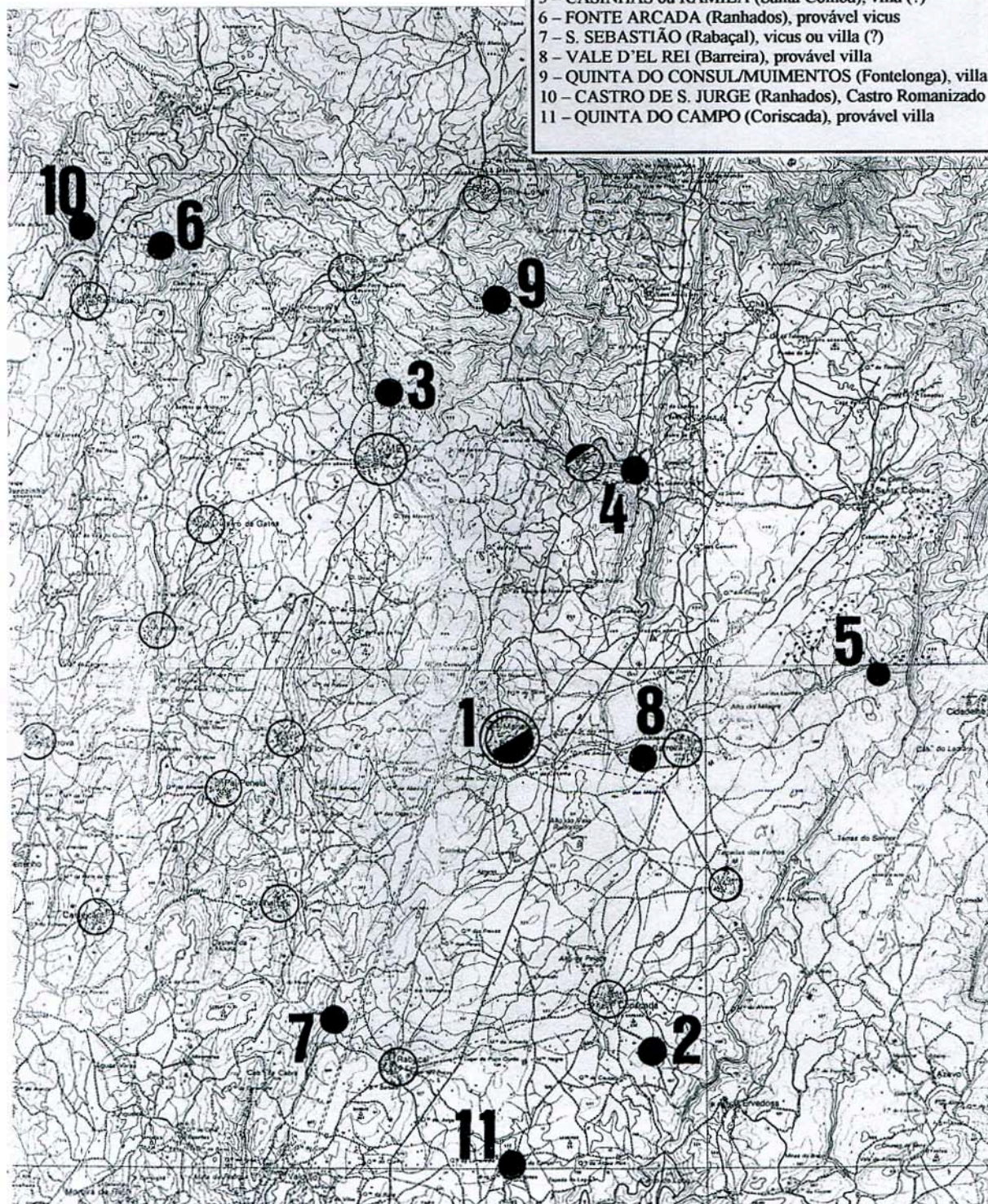


Fig. 1

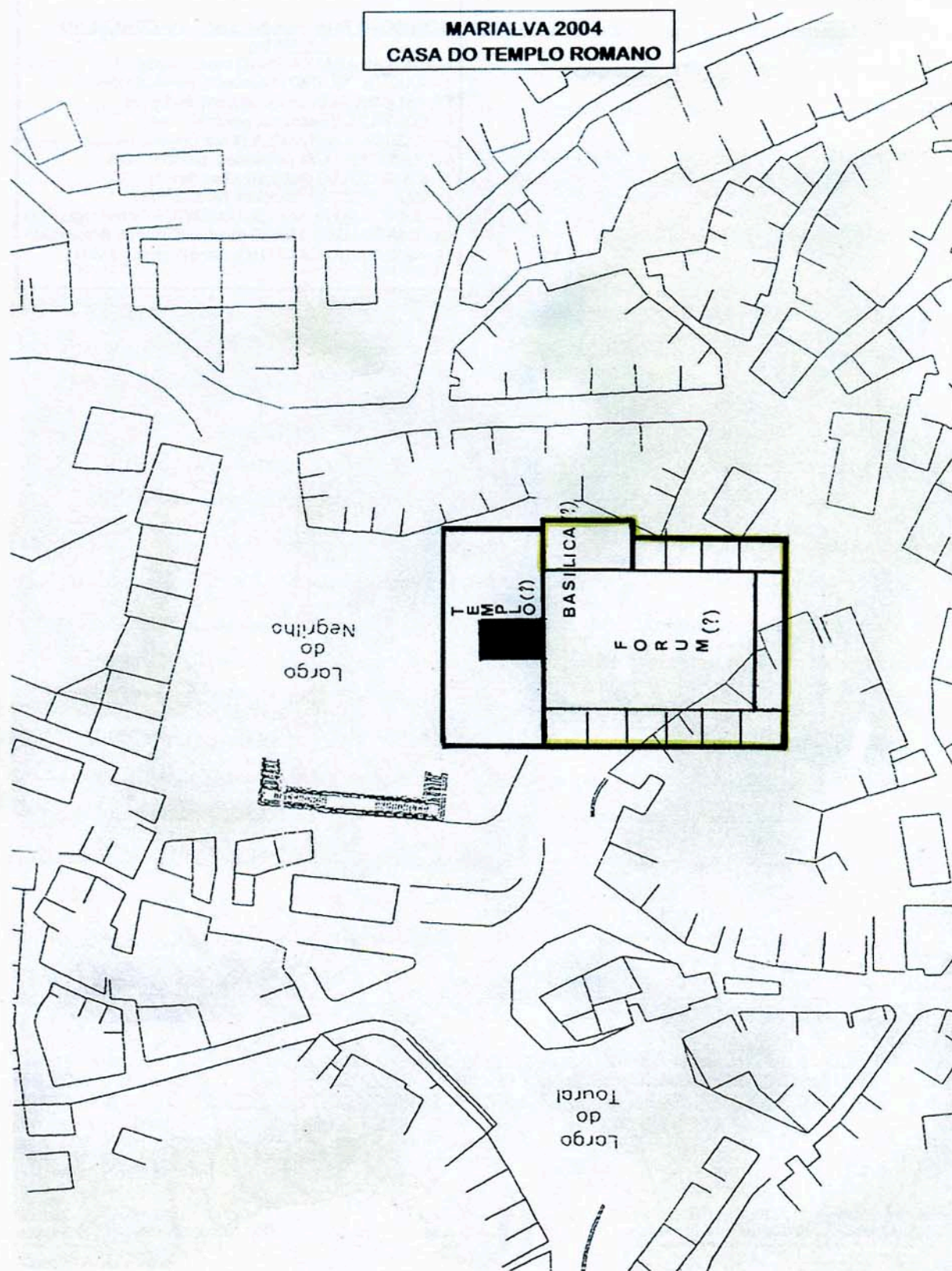


Fig. 2



Foto 1 – Fachada do edifício (lado oeste) onde se encontram prováveis vestígios de um templo romano que teria sido dedicado a Júpiter (lugar da Devesa, Marialva, Meda). Entre setas o espaço provável ocupado pelo podium do templo.

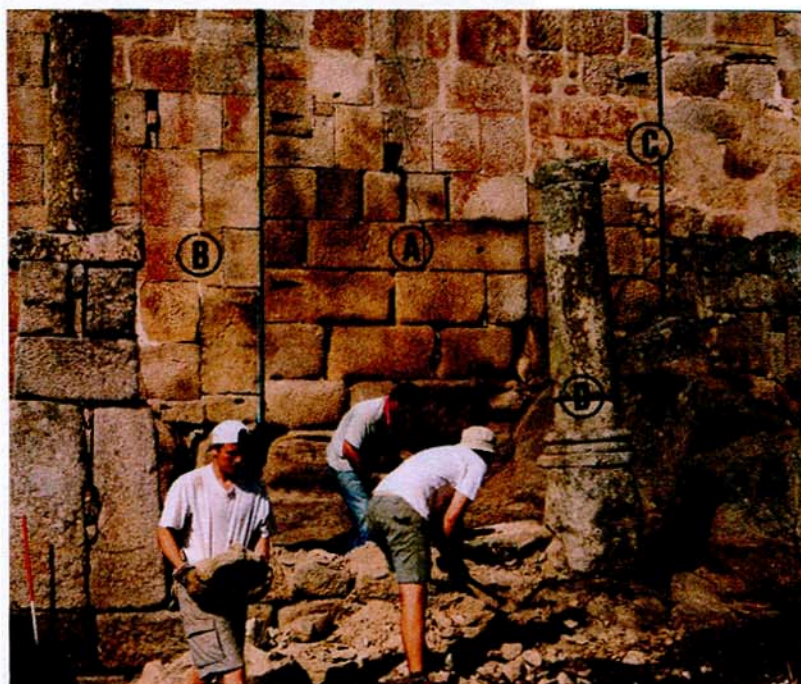


Foto 2 – Pormenor do muro exterior (lado este) do edifício onde se encontram vestígios de um provável templo romano (lugar da Devesa, Marialva, Meda). Entre setas, o espaço provável ocupado pelo podium do templo. A – pedras originais do provável templo; B – muro resultante de ampliação (século XVIII?); C – muro resultante de ampliação do edifício, provavelmente nos finais do século XIX; D – fuste e capitel de coluna em granito.

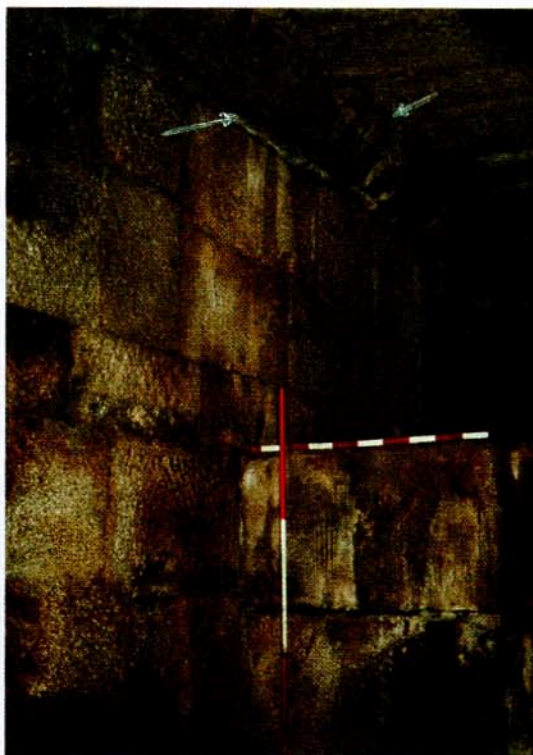


Foto 3 – Muro original do provável templo (com a cornija) actualmente existente no interior do imóvel (lugar da Devesa, Marialva, Meda)



Foto 4 – Fragmento de inscrição romana, mandada gravar por um ou mais LIBERTUS, que se encontra na parede da Capela de N. Sra. dos Remédios, junto ao edifício do provável templo romano (neste espaço da actual capela poderá ter existido uma Basílica integrada no Fórum da Civitas Aravorum).



Foto 5 – Aspecto parcial de um dos espaços interiores do edifício, onde se encontram ainda vestígios originais de estruturas do provável templo romano



Foto 6 – Cerâmica (sigilatas) exumada na intervenção de emergência realizada no interior e exterior do provável templo romano (Devesa, Marialva, Meda)



Foto 7 – Cerâmica (sigilatas) exumada na intervenção de emergência realizada no interior e exterior do provável templo romano (Devesa, Marialva, Meda)



Foto 8 – Cerâmica (sigilatas) exumada na intervenção de emergência realizada no interior e exterior do provável templo romano (Devesa, Marialva, Meda)

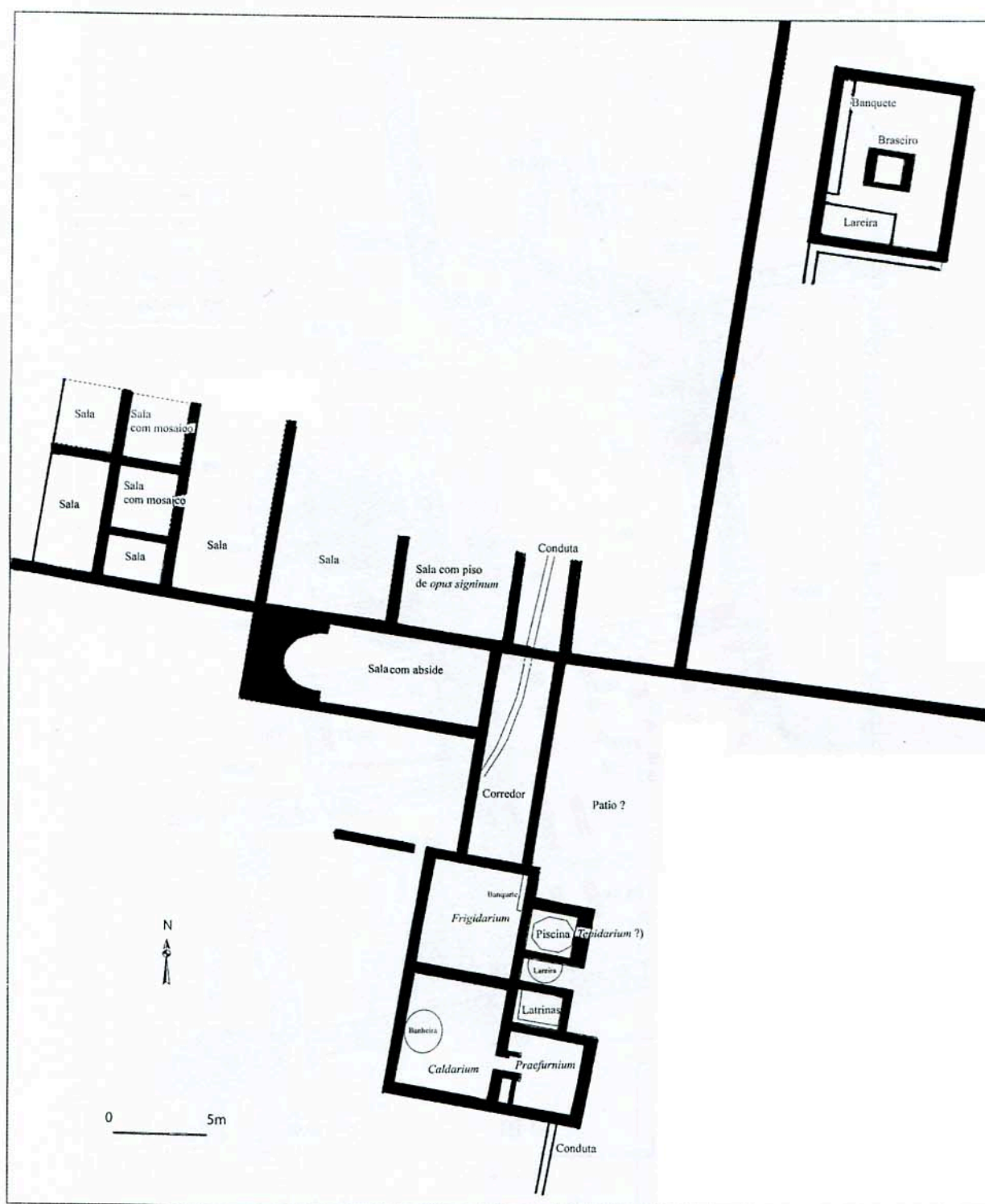
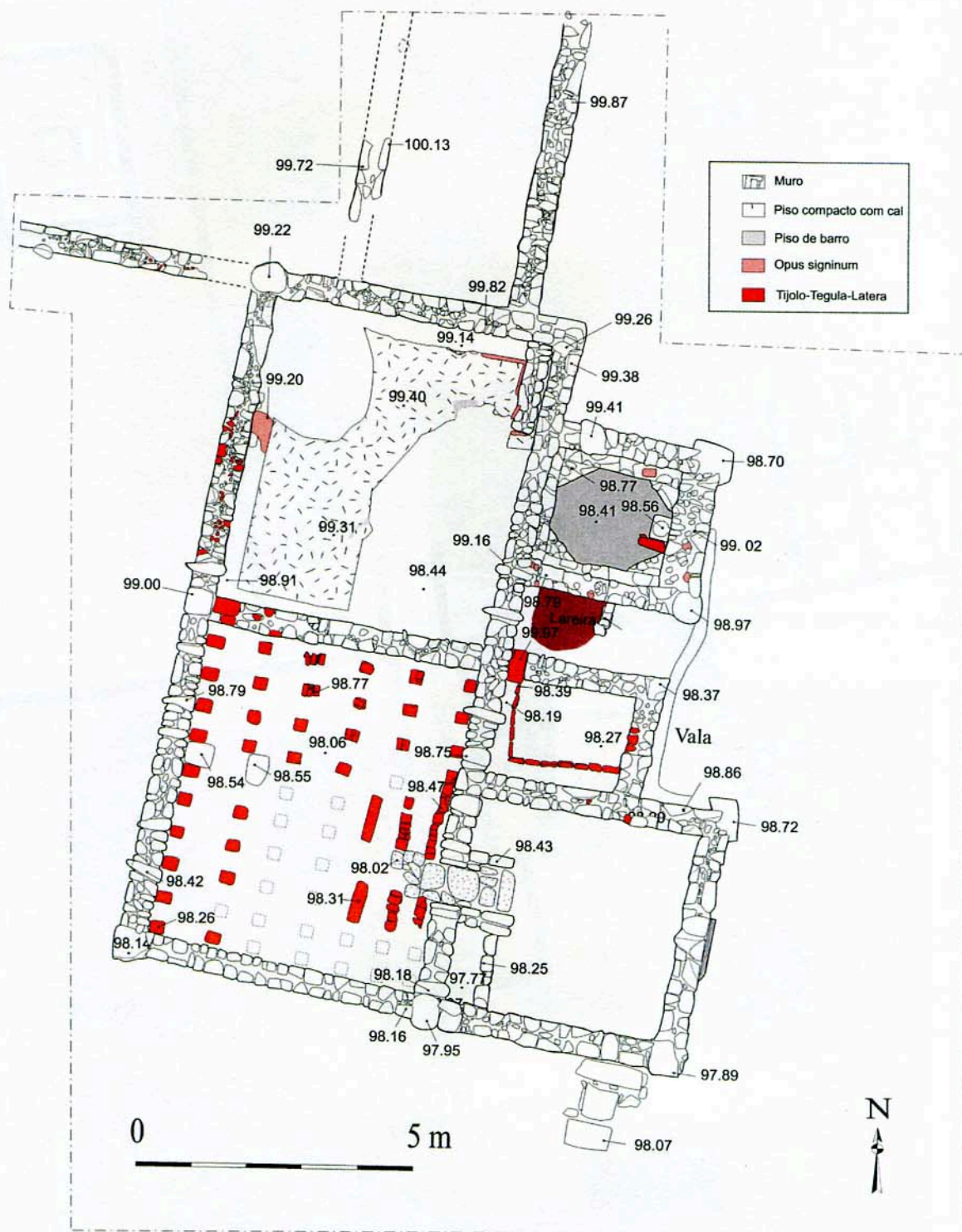


FIG. 10

VALE DO MOURO OU GRAVATO, CORISCADA 2006

Fig. 3



VALE DO MOURO OU GRAVATO, CORISCADA 2006, Termas

Fig. 4

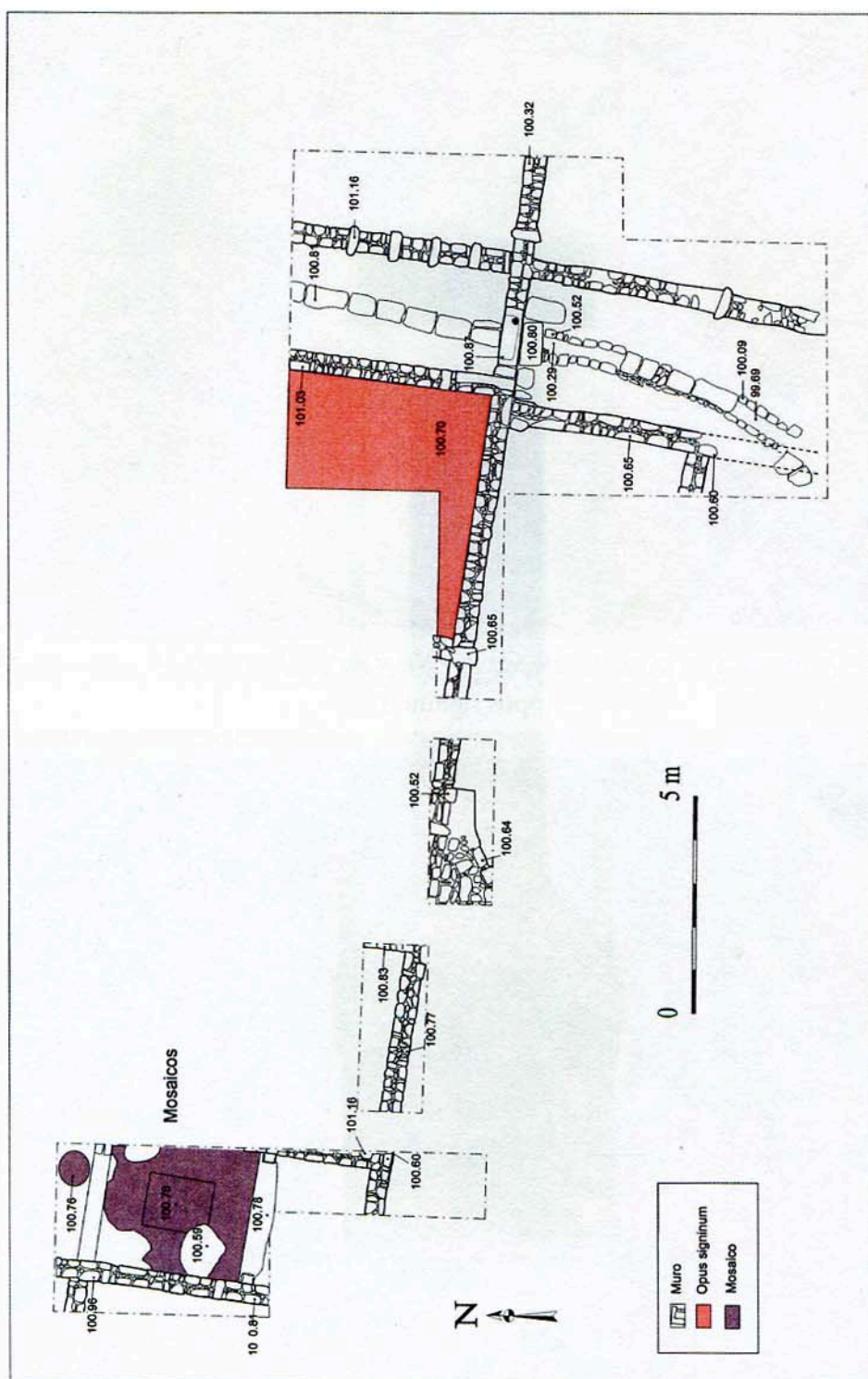


Fig. 5

VALE DO MOURO OU GRAVATO, CORISCADA 2006, Pars urbana



Foto 9 – Quadrado 1 do sector 1, camada 2 – Nível da queda do telhado sobre o piso da sala em opus signinum



Foto 10 – Momento da escavação no sector V



Foto 11 – Sala do Sector V com “braseiro” central



Foto 12 – Soleira que fazia a ligação entre o corredor vindo dos balneários e o edifício senhorial (a escala está encostada a uma pedra de ombreira de porta reutilizada como alinhamento do muro)



Foto 13 – Início da descoberta do mosaico policromo no quadrado 47 do sector VI



Foto 14 – Fossa rectangular para conter viga de madeira que suportaria a taipa com estuque e parte do mosaico (quadrado 47, sector VI)



Foto 15 – O que resta do mosaico que revestia a sala do quadrado 47 do sector VI



Foto 16 – Figuras de Baco e uma Bacante, integradas no mosaico da sala do quadrado 47

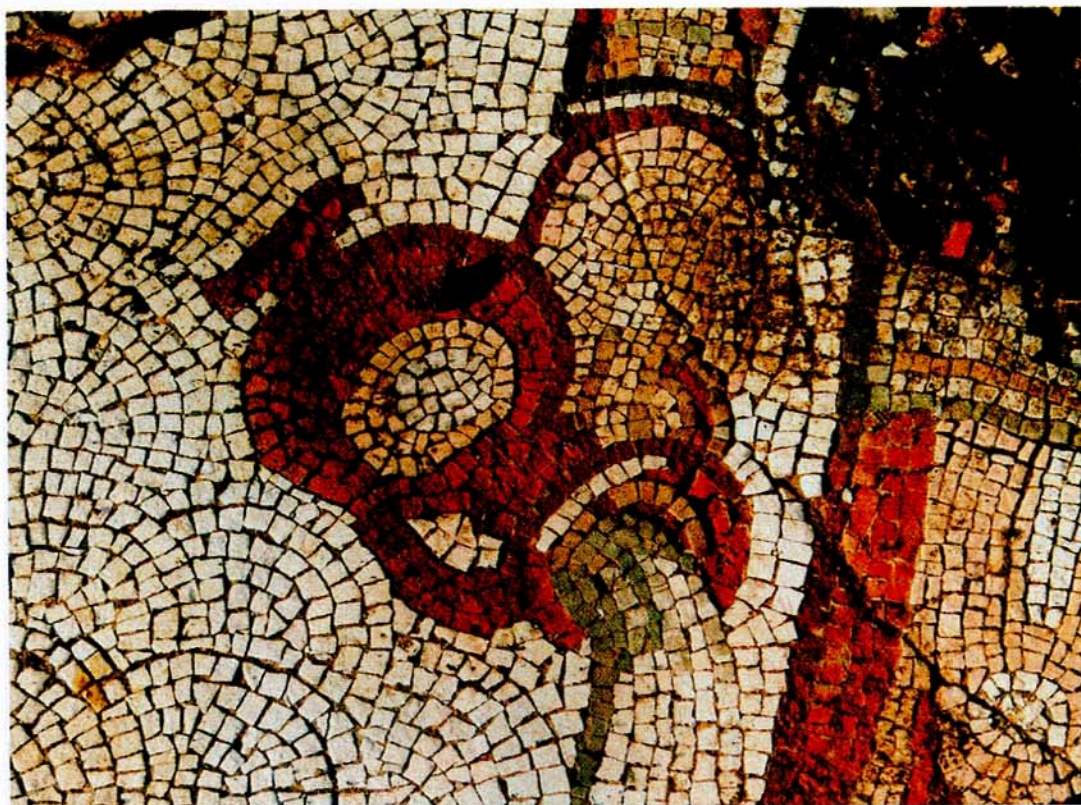


Foto 17 – Pormenor da figura de Baco



Foto 18 – Pormenor da decoração do mosaico com figuras geométricas



Foto 19 – Escavação na zona do Praefurnium do balneário (termas)



Foto 20 – Equipa de escavação no Vale do Mouro no mês de Agosto de 2006